

## **A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO ESCOLAR**

**Wandson Passos Costa<sup>1</sup>; Maria Helena da Rocha Besnosik<sup>2</sup>; Ellane da Costa Lima<sup>3</sup>;**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, graduado em Pedagogia, graduando em Administração, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: wandson\_passos@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: maria.benosik@gmail.com
3. Ellane da Costa Lima, graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ellane.lima@hotmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, docência, literatura.

### **INTRODUÇÃO**

A produção, a distribuição e o acesso aos saberes produzidos em nossa sociedade se dão quase que exclusivamente pela leitura. Deste modo assume a leitura papel crucial no tocante à formação dos sujeitos que dela fazem parte. Não é estranho, portanto, que a formação de leitores seja um dos principais objetivos das propostas educacionais atualmente.

No entanto, essa relevância não se reflete nos dados resultantes de pesquisas acerca do desenvolvimento de estudantes em relação à leitura, escrita e interpretação de textos. Esses dados nos mostram que a escola, como principal espaço dedicado à formação de leitores não tem cumprido o seu papel como se espera, visto que não são atingidas com sucesso as metas ao término de cada etapa escolar (GERALDI, 1991; SOLÉ, 1998; KLEIMAN, 1999).

Diante de tantos problemas elencados como causas ao problema do insucesso escolar em formar leitores (falta de qualificação profissional, de mais investimentos, de infraestrutura, etc.), tomamos por objeto de estudo a relação entre professores e alunos na laboriosa tarefa de formar leitores. Esta escolha se deu em parte por perceber por meio de pesquisa monográfica (COSTA, 2010) que são meramente técnicas as leituras realizadas por estudantes de cursos superiores, com raríssimas exceções, e que o fato não seria assim tão preocupante se dentre esses estudantes não se encontrassem professores em processo de formação.

Com base nesse contexto, surge a inquietante necessidade de analisar como os estudantes percebem a influência docente em seus hábitos de leitura, com vistas a compreender se há uma conservação de práticas no interior da instituição escolar, ou ainda, onde o ciclo se desfaz e quais os elementos (externos e internos à escola) que propiciam estes acontecimentos.

Para atingir esse objetivo, são utilizados os documentos oficiais que regem a atividade docente em nível nacional, os estudos acerca das práticas de leitura em Chartier (1991), Lajolo & Zilberman (1996), dentre outros, e também, os dados coletados em campo.

O contexto criado no ambiente escolar pelas múltiplas dificuldades enfrentadas pelos professores ao formar leitores fundamenta a proposta metodológica segundo a qual investigamos e, também, procuramos intervir naquilo que acreditamos não estar de acordo com parâmetros adotados nacionalmente como requisitos mínimos à qualidade do trabalho docente em formação para a leitura e escrita (LDB, PCN, entre outros).

Assim, traçamos por objetivo principal analisar a influência dos professores sobre a prática de leitura dos estudantes, bem como, em paralelo, compreender a relação que estudantes e professores mantêm com a leitura, analisar os elementos (sociais, culturais e econômicos, externos e internos à escola) que colaboram para a conservação ou mudanças dos hábitos e práticas de leitura no espaço pesquisado e investigar os mecanismos pelos quais os professores incentivam os alunos para o ato da leitura.

### **MATERIAL E METODOLOGIA**

A proposta metodológica a partir da qual abordamos nosso campo de estudo se aproxima da pesquisa-participante, mesmo que façam parte de nosso trabalho características de metodologia em pesquisa-ação e pesquisa monográfica.

Uma pesquisa que tenha por proposta de trabalho o método monográfico, por exemplo, busca “examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos” (LAKATOS, 2006, p. 108), mas com particularidades relacionadas ao uso de técnicas, como a pesquisa documental. Os dados coletados, no entanto, em sua maioria por observação participante e por registro sistemático em diários de bordo constituem juntamente com questionários e entrevistas, o *corpus* por meio do qual desenvolvemos a análise do contexto e das relações entre professores e seus alunos, bem como a base com a qual fundamentamos as propostas de colaboração em formação de leitores.

Na pesquisa-ação, proposta na qual todo o percurso da pesquisa é permeado por ações que visem à modificação do ambiente pesquisado, toda sugestão de atividade é oriunda da negociação entre todos os envolvidos no trabalho; o próprio rumo da pesquisa é, inclusive, definido pelo grupo. Todavia, não chegamos ao nível de trabalho da pesquisa-ação, pois a proposta de trabalho foi apresentada à escola, mas não construída em conjunto com a mesma, como pressupõe a pesquisa-ação, embora também fossem realizadas ao longo da pesquisa, ações de cunho extensionista com vistas à realização de atividades em formação de leitores.

É, então, assumindo por abordagem principal a pesquisa-participante que vamos a campo, participando da dinâmica do grupo investigado e observando os diversos momentos do cotidiano escolar, na busca por estreitar o relacionamento entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. Tal atitude minimiza os efeitos causados pela presença de pessoas “estranhas” ao grupo e contribui para a maior abertura no tocante à coleta de dados.

Na medida do possível, buscamos visitar a escola periodicamente, ao passo que registrávamos o cotidiano escolar, aplicávamos questionários, entrevistávamos as pessoas e construíamos momentos de leitura através de rodas de contação de histórias e círculos de leitura. Deste modo, analisamos nosso objeto de estudo em diversos aspectos bem como de múltiplas maneiras, para que fossem mínimas as lacunas decorrentes das limitações técnicas e metodológicas.

## DISCUSSÃO

Através de uma série de visitas e registros realizados sistematicamente ao longo de um ano em uma escola pública da rede municipal, situada em região periférica da cidade de Feira de Santana, foi possível analisar o modo como alguns professores em exercício da profissão tratam da leitura e, além disso, como seus alunos concebem essa atuação.

Durante as visitas realizadas no período letivo da escola compreendido entre o final do ano de 2010 (três últimos meses) e o começo de 2011 (março, abril e maio), registramos o cotidiano das salas de aula, mais precisamente as salas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Percebemos ao longo das observações que o nível de leitura e escrita dos estudantes estava muito aquém do esperado para a série na qual estão matriculados, além de apresentarem disparidades na relação entre idade e série escolar em uma das turmas (alguns deles ainda apresentavam dificuldades para escrever o próprio nome ou para ler palavras polissílabas).

Considerando que se trata de uma escola pública descuidada por parte das autoridades (carteiras, mesas, quadro-de-giz, material didático e assoalho em péssimas condições, bem como ausência de portas em algumas salas) e de como isso interfere no modo como os processos educativos transcorrem no interior da instituição, além da percepção de que a relação de cada pessoa com a leitura é fruto da interação entre as forças sociais, econômicas e culturais que a forma enquanto sujeito, encontramos dados acerca da relação entre professores e alunos, a partir das quais traçamos algumas considerações preliminares a serem discutidas.

Em relação à escola, esta possui um corpo docente reduzido e incapaz de interferir com consistência na realidade a ponto de transformá-la e os professores que assumiam as turmas envolvidas na pesquisa não possuíam a qualificação necessária à atuação em sala de aula, pois ainda cursavam o nível superior e seu vínculo com a escola era instituído por meio de estágios acadêmicos.

A escola contava com um quadro docente formado por apenas seis professoras, das quais duas estavam afastadas da escola, outras duas exerciam atividades administrativas e de gestão e apenas duas atuavam em sala de aula, para atender a uma demanda anual de 250 alunos com o apoio temporário de oito estagiárias. Deste modo, na escola não era possível existir programa ou proposta de longa duração em formação de leitores, e em curto prazo os resultados alcançados não eram satisfatórios em virtude da

formação profissional e das dificuldades de trabalho. Para Felício e Oliveira (2008, p. 217) o estágio “se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento de relevante importância no processo de formação prática dos futuros professores”, mas o que percebemos não condiz com a visão dos autores.

Diante dos fatos observados constatamos, ainda, que o tratamento de muitos dos familiares ou responsáveis, por exemplo, com relação às crianças era de desprezo pelas questões afetivas. Em decorrência desses maus tratos e da privação de direitos fundamentais (o bairro onde vivem não dispõe de áreas de lazer, as ruas que dão acesso à escola, por exemplo, não possuem calçamento ou rede de esgoto, etc.), os alunos em sua maioria mostravam-se agressivos e violentos, por meio de agressões físicas e verbais constantes, fossem em “brincadeiras de bater” fossem na relação conflituosa que mantinham entre si. Para May (1981), a origem da violência pode estar relacionada à falta de realização própria enquanto sujeito de si, capaz de se fazer presente e percebidos por outros à sua volta. Na sala, a situação era percebida nas técnicas utilizadas por esses alunos (a violência e a agressividade com seus colegas de classe) para chamar a atenção da professora e dos pais, que só apareciam na escola quando convocados a responder pelas peripécias dos filhos ou para realizar a matrícula do aluno.

A leitura praticada em sala de aula não transcende a concepção de leitura como um instrumento de acesso a conhecimentos práticos ou como mera decodificação de códigos escritos, de modo que por diversas vezes a proposta de contação de histórias era esperada enquanto “atividade para nota” pelos alunos, quando a leitura deve ser vista minimamente como “não somente uma operação abstrata de inteligência”, mas como “inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro” (CHARTIER, 1991, p. 181), o que mostra – e vem confirmar nossas observações – que as atividades de leitura eram sempre encaradas como atividades para pontuar ou ainda apenas como um requisito à aprovação em processo avaliativo.

Por fim, percebemos que o desenvolvimento de parcerias com a universidade pode proporcionar momentos de formação de hábitos de leitura que a escola, nas condições em que se encontra, não tem capacidade de fazê-lo e que tampouco dispõe de pessoal em quantidade e formação necessárias à realização um trabalho mais eficaz. Belintane (2002), em artigo no qual relaciona a formação continuada às tecnologias de informação e comunicação, sugere que a escola mantenha vínculos, presenciais ou virtuais, extremamente estreitos com a universidade, no sentido de que o conhecimento que seja produzido no ambiente acadêmico chegue com mais brevidade às escolas, pois para ele “a relação entre produção de conhecimento e aplicação é que vai motivar a necessidade de novos planos de formação contínua.” (BELINTANE, 2002, p. 191).

O que este plano de trabalho nos apresenta é a criação de uma verdadeira bola-de-neve, na qual os problemas vão tomando proporções tais que fogem ao controle de quem atua em espaços como o que investigamos. A escola não consegue cumprir seu papel por conta da precariedade de mão-de-obra qualificada, de práticas eficazes na formação de leitores e da ausência de políticas públicas de melhoria das condições de trabalho para o magistério ou ainda de manutenção das estruturas e instalações dedicadas ao trabalho educativo, fazem com que os jovens que passam por esse espaço sejam aprovados sem a devida formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados apresentados acerca da constituição dos sujeitos leitores e da influência dos professores na formação desses sujeitos, podemos concluir que a escola, enquanto ambiente de formação educacional tem possibilidades de formar leitores, no entanto a influência exercida pelos professores que atuam nas salas de aula sobre a prática da leitura faz com que os alunos a considerem como apenas uma atividade escolar; sem falar que sofrem com a constante troca de professores em decorrência do fim dos estágios e, nem por isso, encontram esses alunos uma proposta que vá de encontro ao que lhes é dado enquanto leitura.

Os dias em que estivemos presentes, realizando os Círculos de Leitura, contando histórias, interagindo com os alunos, nos mostraram que o espaço escolar é fértil, no entanto a maneira como encontramos a escola – e como ainda permanece – não nos faz acreditar que sua função seja cumprida, com efeito. A própria relação que professores e alunos mantem com a leitura tanto em sala de aula, como fora dela já evidencia as dificuldades encontradas para uma efetiva mudança de hábitos. A ausência de profissionais e da formação continuada daqueles que estão em atuação (suprida, em parte, por nossa

presença em alguns momentos e pelo apoio das estagiárias), é um entrave a ser superado, bem como a criação de condições mínimas de trabalho. As professoras alegaram não ter muito tempo para se dedicar à leitura em virtude do trabalho e dos estudos, enquanto os alunos não leem muito por considerarem a leitura uma atividade trabalhosa. Deste modo não são os alunos levados a ler – e ler com prazer – por seus professores, pois enquanto estes leem para suprirem necessidades acadêmicas, aqueles não leem por falta de condições, por não saberem ou por não contarem com o devido incentivo à prática da leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELINTANE, Claudemir. 2002. [online]. *Por uma ambiência de formação contínua de professores*. Cad. Pesqui. 2002, n.117, pp. 177-193. Endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15557.pdf>.
- CHARTIER, Roger. 1991. [online]. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. vol.5, N.º 11, São Paulo, Jan./Abr, 1991. Endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>.
- COSTA, W. P. 2010. *A leitura no curso de Licenciatura em Pedagogia: a realidade da Universidade Estadual de Feira de Santana*. 88 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010.
- FELICIO, Helena Maria dos Santos, OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. 2008 [online]. *A formação prática de professores no estágio curricular*. Educ. rev., n.32, pp. 215-232. Endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a15.pdf>.
- GERALDI, J. W. 1991. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- KLEIMAN, A. 1999. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. Campinas. Pontes. Ed. Unicamp: 1999.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. 1996. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. de A. 2006. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- MAY, Rollo. 1981. *Poder e inocência: uma análise das fontes da violência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SOLÉ, I. 1998. *Estratégias de leituras*. 6. ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998